

□ Tempo de leitura: 7 min.

Ontem, na Basílica de São Petrónio, em Bolonha, o salesiano dom Elia Comini foi proclamado beato junto com o dehoniano padre Martino Capelli e o sacerdote diocesano dom Ubaldo Marchioni, mártires de Monte Sole no outono de 1944. Tinha 34 anos. Não foi um herói improvisado pela guerra: seu diário espiritual, o «querido caderninho» que manteve por dezesseis anos, revela um jovem que lutou todos os dias contra o próprio orgulho, que colocou a Missa no centro do dia e os jovens no centro do coração, e que se preparou longamente para a entrega de si mesmo. Quando chegou a hora, escolheu ficar com seu povo e ir ao encontro dos moribundos. Eis as virtudes de um filho de Dom Bosco que a Igreja hoje apresenta a todos.

Domingo, 27 de setembro de 2026, São Petrónio. O cardeal Marcello Semeraro, prefeito do Dicastério para as Causas dos Santos e delegado pontifício, leu a fórmula de beatificação. Concelebraram o arcebispo de Bolonha, cardeal Matteo Zuppi, o cardeal Ángel Fernández Artime, o Reitor-Mor dos Salesianos, dom Fabio Attard, e o superior geral dos Dehonianos, padre Carlos Luis Suárez Codorniú. O decreto sobre o martírio havia sido promulgado em 18 de dezembro de 2024. Ao fim de uma longa caminhada, a Igreja reconhece que aqueles três sacerdotes foram mortos porque foram pastores até o fim. Seu sangue se misturou ao das 770 vítimas dos massacres de Monte Sole.

Do corpo de dom Elia nada restou. As águas da «Botte», da fábrica de cânhamo de Pioppe di Salvaro, onde ele foi metralhado em 1º de outubro de 1944, levaram-no até o rio Reno. Mas permanece seu caderninho preto, com 81 pequenas páginas hoje guardadas em Treviglio. Pierluigi Cameroni, postulador-geral, acaba de republicá-lo com um título que já é um programa: «*Querido caderninho*». «Se o martírio é o ato final de dom Elia», escreve ele, «o diário é a continuação da voz do mártir». É dessas páginas e dos testemunhos de quem o conheceu que emergem os traços de sua santidade.

Um filho dos Apeninos e de Dom Bosco

Elia nasceu em 7 de maio de 1910, em Calvenzano di Vergato, ao lado do santuário de Nossa Senhora da Floresta. Seu pai, Claudio, era carpinteiro, e sua mãe, Emma Limoni, costureira. Em Salvaro, o arcipreste mons. Fidenzio Mellini, que quando jovem havia conhecido Dom Bosco em Valdocco, tornou-se para ele um segundo pai e o encaminhou aos Salesianos. Vieram o aspirantado em Finale Emilia, o noviciado em Castel de' Britti, a primeira profissão religiosa em 1926 e os estudos de filosofia em Valsalice, perto do túmulo de Dom Bosco. Depois, o tirocínio, a profissão perpétua em Chiari, em 8 de maio de 1931, e a ordenação sacerdotal na Catedral de Bréscia, em 16 de março de 1935. Em 1939, formou-se em Letras pela Real Universidade de Milão, com uma tese sobre Tertuliano, *A ressurreição da carne*. Ensinou aos aspirantes de Chiari San Bernardino e, depois, a partir de 1941, no Instituto Salesiano de Treviglio. No verão de 1944, voltou a Salvaro para ficar perto da mãe, viúva e desalojada pela guerra. Encontrava-se assim «em plena retaguarda da guerra».

A humildade, uma batalha para a vida toda

A primeira virtude que o diário revela é uma humildade conquistada a duras penas, não fruto de um temperamento dócil. Aos dezessete anos, seu confessor, dom Antonio Cojazzi, propôs-lhe essa meta, e ele nunca mais a abandonou. Escreve sobre si mesmo com uma franqueza desarmante: «Meu orgulho incomensurável me torna surdo, mas tu [Dom Bosco], bate forte e verás que conseguirás pôr juízo nesta cabecinha teimosa». Observa a si mesmo com ironia: «Transpiro humildade por todos os poros!». Em julho de 1930, depois dos exames de conclusão do ensino médio, chega a rezar assim: «Sou um ególatra. Senhor, ajudai-me, mostrai que estou errado, tornai-me humilde de coração como Vós: que graça me concedereis! Maior do que a aprovação».

Quando se forma, não se vangloria. Na véspera, havia prometido a Deus «humildade, discríção e o reconhecimento de que tudo me vem dele». Os alunos nem sequer sabiam que frequentava a universidade: só viam os resultados. Em 1943, no santuário de Caravaggio, resume assim seu caminho: «*Ama nesciri et pro nihilo reputari* [...] Dai-me coragem e força para sufocar sem piedade o meu eu [...] Sofrer, lutar, rezar e silêncio!».

O sacerdote inteiramente de Jesus

Na véspera da ordenação, em Montodine, redigiu um «Regulamento de vida sacerdotal» que levaria junto ao coração, no bolso da batina, até sua última Missa. A Missa «será o centro do meu dia». O breviário «será para mim a mais bela e mais importante oração», e ele procurará recitá-lo diante do sacrário. Seu lema vem de seu antigo mestre de noviços, dom Luigi Terrone: «Tudo e sempre pelo Sagrado Coração e no Sagrado Coração». No dia do diaconato, havia escrito: «posso tocar Jesus com minhas [mãos]: o sonho da infância». Dessas páginas transparece uma piedade sóbria, mas ardente, confiada a Maria Auxiliadora: «a ti cabe apresentar-me a Jesus e oferecer-me a ele para sempre».

Quem o viu rezar nunca se esqueceu. Um ex-aluno de Treviglio, escondido na capela durante uma brincadeira, encontrou-o «no último banco, ajoelhado e absorto em intensa oração». A um coroinha que o acompanhava na visita a um doente, confidenciou: «Veja que grande dignidade é a do sacerdote: ele pode levar Jesus no coração e levá-lo, como consolo divino, a quem sofre».

Educador com o coração de Dom Bosco

«Os jovens, todos os jovens, terão um lugar especial no meu coração.» O propósito de 1935 transforma-se em um modo de vida. Já como clérigo, havia escolhido para si uma «caridade mansa, caridade segundo o espírito de Dom Bosco, caridade de família [...] especialmente no trato com os meninos». Os testemunhos confirmam isso. Dom Luigi Calonghi lembra a primeira conversa: «Fiquei impressionado porque ele me escutava; fazia-me pensar, levava-me a sério». Dom Pietro Gianola via nele «uma amizade constante e plena», uma amizade educativa. Em Treviglio, pedia aos alunos que mantivessem um «diário pessoal e reservado». Quando queria ler uma página em sala de aula, sempre pedia antes a autorização do autor.

Ninguém se lembra de tê-lo visto com raiva ou de voz alterada. «Sempre o vi sorrindo, e nada além disso», diz um ex-aluno. E quando os meninos de Chiari, arrependidos, escreveram-lhe para pedir desculpas, ele anotou: «Pobres alunos, sou eu quem deve pedir desculpas a eles».

Obediência e fidelidade ao dever

Dom Elia não esconde que também teve dificuldades com a obediência: «Este ano murmurei contra meus superiores como nunca». Então, propõe a si mesmo uma «docilidade *ex corde* a todos os que me são superiores e em todas as coisas, mesmo nas mínimas». Em 1942, em Treviglio, pôde escrever: «A obediência que procurei praticar com fé atraiu visivelmente sobre mim as bênçãos do Senhor». A fidelidade ao dever cotidiano torna-se o terreno em que cresce a santidade. Cameroni ressalta que sua atitude não foi «uma reação repentina às atrocidades da guerra, mas [...] a conclusão lógica de uma cuidadosa ascese cotidiana».

A entrega de si, preparada ao longo dos anos

O fio mais surpreendente do diário é o desejo de se doar por inteiro. Em 1929, na véspera da renovação dos votos, escreve: «Recebei-me também como vítima expiatória, embora eu não o mereça». Em 1931: «Fazei que eu possa me oferecer inteiramente a vós em verdadeira paz». No dia da ordenação, pede a Jesus duas graças: «a morte antes de faltar à minha vocação sacerdotal» e «o amor heroico pelas almas». Em 1939, acrescenta: «Se, Jesus, quiseses de mim um ato heroico de generosidade com a tua graça, estou pronto». Em 1941: «Quero preparar-me para o sacrifício de todo o meu ser: só assim serei verdadeiramente vitorioso».

Fortaleza diante do medo, caridade até o fim

A última página do diário é datada de 22 de julho de 1944 e comove por sua humanidade: «Vim parar em plena retaguarda da guerra, com todos os riscos e perigos. Sinto uma grande saudade do meu Colégio e dos meus confrades. Se pudesse, partiria amanhã para Treviglio». Dom Elia não era um exaltado em busca do martírio. Era um homem que tinha medo e, mesmo assim, ficou.

Naqueles três meses, a casa paroquial de Salvaro torna-se «a comunidade da arca», como a chamou mons. Luciano Gherardi. Mons. Mellini abriga famílias de refugiados até mesmo no batistério. Dom Elia ouve confissões, dá catequese, enterra os mortos e faz a mediação entre a população, os guerrilheiros e os nazistas. Nas noites de bombardeio, cantarola e conta às crianças a vida de Dom

Bosco, e o terror passa.

Em 29 de setembro, festa de São Miguel, celebra sua última Missa e faz todos rezarem o ato de contrição. Em seguida, esconde cerca de setenta homens em um cômodo atrás da sacristia, encoberto por um armário: todos sobreviverão. Quando chega a notícia do massacre em Creda, ele pega, junto com padre Martino, a estola, os santos óleos e a Eucaristia. Extremamente pálido, responde a quem tenta impedi-lo: «**Precisamos ir, é nosso dever!**», e ainda: «**Vamos levar o Senhor aos nossos irmãos**». Capturados, os dois padres são privados dos símbolos sacerdotais e obrigados a transportar munições «como animais de carga». Depois, são trancados com as pessoas detidas na operação de busca na estrebaria da fábrica de cânhamo de Pioppe. Ali, consolam os prisioneiros e se confessam um ao outro. Da janela, dom Elia diz à superiora das religiosas: «**Para fazer a caridade, paga-se um preço**», e marca um encontro com ela no Paraíso. Mesmo em suas tentativas de mediação, seu desejo é claro: a salvação de todos, sem favoritismos.

Ao entardecer de 1º de outubro, os dois sacerdotes são levados à Botte junto com os outros condenados. As testemunhas o ouvem entoar as Ladainhas de Nossa Senhora. Depois, as rajadas de tiros e um último grito: «Piedade!». Um soldado atinge suas mãos, e o breviário cai na água barrenta. Seu corpo serve de escudo a Pio Borgia, um dos pouquíssimos sobreviventes, que poderá contar o que aconteceu.

O sol no coração

Em uma página de 1928, o jovem Elia anotou que São Tomás e São Francisco de Sales eram «retratados com o sol no coração». Dom Cameroni escolheu essa imagem para sintetizar sua vida. É uma luz interior que não se apaga na noite da violência: a busca da humildade, a oração fiel, a dedicação afetuosa à educação, a obediência e a caridade até o extremo.

Hoje, dom Elia Comini é beato. Aos Salesianos, ele lembra que o *Da mihi animas, cetera tolle*, que aos 21 anos quis adotar «por toda a minha vida», pode chegar até a entrega do próprio sangue. A todos, lembra que é possível amar mesmo sentindo muito medo. E que a santidade se prepara nas páginas cotidianas de um pequeno caderninho, muito antes da hora da provação.

